

**Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet**

Erick Caixeta de Carvalho\*

Frank Rudiger Lopes\*\*

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins\*\*\*

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu\*\*\*\*

**Resumo:** No artigo apresentado, trabalhamos com *O Povo* de Jules Michelet, estudando as suas perspectivas históricas, sua metodologia, e as relações com o período de formação da história como disciplina, no século XIX. Para compreender o pensamento do autor, descartamos uma concepção anterior do historiador como positivista, analisando seu pensamento pela sua obra e alguns trabalhos relacionados às suas concepções teóricas da história. Operação feita por meio da análise da obra de Giambattista Vico, *Scienza Nuova* (Nova Ciência), pensador italiano do século XVIII que trabalhou com a construção de uma nova forma de estudar a ciência do homem, em oposição ao método experimentalista de Descartes e Newton. Assim, apresentando uma proposta de análise cultural, de estudos dos povos e costumes. Também consideramos outros elementos do momento histórico da criação de *O Povo*, como entendimentos de “povo” do pensamento alemão, o *Volksgeist* (Espírito do Povo), além da noção específica de Pátria, como nas ideias de “França e Anti-França”. Desse modo, revisitando Michelet como mais do que simplesmente um “positivista”, mas um pensador dentro de seu tempo que também foi original e possuiu outros métodos e enfoques que o distanciaram e o tornaram um historiador bastante particular no século XIX.

---

\* Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Contato: erick.carvalho@usp.br

\*\* Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Contato: frank.kgb88@hotmail.com

\*\*\* Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Contato: luis.henrique.martins@usp.br

\*\*\*\* Graduando em História pela Universidade de São Paulo. Contato: pedro.yoshimatu@usp.br

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

**Palavras-Chave:** Jules Michelet; Giambattista Vico; França; Teoria da História; Século XIX

## Introdução

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma análise concisa do livro *O Povo*, de Jules Michelet<sup>1</sup>. Esse livro foi produzido no ano de 1846; portanto, dois anos antes das revoluções europeias de 1848<sup>2</sup>. É importante, inicialmente, contextualizar o trabalho do autor em seu período, entendendo as particularidades deste, para poder encaixá-lo dentro da sua própria realidade de escrita.

Jules Michelet nasce em 1798, na passagem para o século XIX. Diferentemente da maioria dos intelectuais da época, seu desenvolvimento foi marcado por características peculiares. Notavelmente, cresceu em família pobre, inclusive inserindo em sua produção relatos de miséria e fome; contudo, ainda teve seus estudos priorizados pela família, permitindo que aprendesse a ler e escrever ainda jovem apesar de suas origens como filho de mestre-impressor. Ele dedicou sua vida aos estudos históricos, possuindo um doutorado em letras, com uma visão de sociedade se desenvolvendo em torno da relação entre o povo e a França; tal tratamento o inspira a escrever *O Povo*, retratando essa parte da sociedade falada por poucos. A relevância de tais elementos para o trabalho é que, em 1830, após completar os estudos e já ser professor, Michelet, por conta da publicação e recepção favoráveis de obras como *Compêndios de História Moderna*, em 1827, recebe a posição de chefe do Arquivo Nacional da França. Tal posição o inspira a escrever trabalhos como *História de França* (obra de dezessete volumes iniciada em 1833 e finalizada em 1868) e *Introdução a*

---

<sup>1</sup>Michelet nasce em Paris em 21 de outubro de 1798 e morre em 9 de fevereiro de 1874. A edição em português utilizada para o trabalho é de 1988, traduzida por Gilson Cesar Cardoso de Souza.

<sup>2</sup>Inserido, portanto, no contexto da "era das revoluções", nomenclatura apresentada por Eric Hobsbawm. Na obra do historiador britânico, o ano de 1848 é central pois serve como transição de tal período para a chamada "era do capital".

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

*História Universal* (publicado em 1831), levando-o a ser um autor com grande preocupação no uso de fontes históricas (BARTHES, 1987, p. 6).

O século XIX é por excelência o século da História, e também, o lugar social marcado pelo cientificismo. No entanto, Michelet carrega leituras que fortalecem suas peculiaridades; ao aprender italiano tendo contato com as obras de Giambattista Vico<sup>3</sup>, inicia suas leituras sobre ele. E o francês é, inclusive, o primeiro a traduzir as obras do italiano, em que este propunha uma ciência da história<sup>4</sup>. Vico tentava mostrar que a história funciona de forma particular, possivelmente como uma espiral e com um sentido evolutivo dos processos históricos. Sua conclusão, portanto, é a de que a história teria um sentido: o de gerar a razão. Ele torna-se um crítico, ainda no século XVIII, dos historiadores que buscam somente ressaltar histórias pequenas e fragmentadas sobre personalidades e batalhas, ressaltando o caráter de uma sociedade de heróis. Seu objetivo é o de gerar uma história centrada no homem como um ser social e seus desenvolvimentos em sociedade.

Essa influência leva Michelet a ser um historiador que busca a racionalidade, de modo a se desvincular de outros modos de fazer história, principalmente no mundo francês, das civilizações de Voltaire, essencialmente acreditando que as fontes históricas são as únicas coisas que revelarão a verdade. Tais aspectos de sua vida são fortes indicadores do trabalho que ele realiza em *O Povo*. Seu exercício fundamental é de tentar mostrar as relações da sociedade (especialmente no contexto francês) em oposição a histórias fragmentadas de heróis ou de indivíduos; o próprio título do livro, dessa forma, nos apresenta tal perspectiva. O autor propõe-se, por excelência, a fazer uma ciência da história. Portanto, o objetivo desse trabalho é o de analisar a construção que Michelet faz da história e as ideias integradas por ele. Para isso, será feita uma leitura e análise cuidadosas, buscando historicizar o autor e seu livro, tratando de três pontos fundamentais: a visão que Michelet possuía da história; como a

---

<sup>3</sup>Giambattista Vico nasceu em 1668 e viveu até 1744.

<sup>4</sup>Ou uma filosofia, conforme o título proposto por Michelet em sua tradução de *Scienza Nuova* parecia indicar (Princípios de uma Filosofia da História).

sua visão do “povo” se aproxima ou se distancia de outras do período, como a do *Volksgeist*; e, por fim, compreender a visão de Pátria do autor, também interligada com os elementos anteriores, da História, do “povo” e do objetivo que propõe com sua obra e da conexão entre as três questões.

### **Concepção de História**

A concepção de história de Michelet, tal como trabalhada em *O Povo*, é elucidada pelos elementos de seu tempo. Trabalhando no século XIX, com a conclusão desse livro em 1846, trata-se de uma época marcada pelo fenômeno da indústria, com o aumento do poderio inglês e a consolidação da burguesia industrial. Há também presente, no livro, uma ideia que posteriormente seria pensada como nacionalismo, mas que se apresenta sobre outro prisma, com uma defesa muito frequente do autor sobre sua pátria, a França; é possível observar nisso como a obra se encontra repleta de diversos elogios e exaltações tanto da nação francesa como do povo francês, principalmente o camponês. Contudo, tal visão de uma França patriótica possui uma noção anterior, relacionada à questão da Revolução Francesa e a presença justamente desse povo, em uma união, como aparece logo na introdução do livro.

A própria introdução, ou dedicatória a um amigo pessoal de Michelet, Edgar Quinet, já é elucidativa de como o autor de *O Povo* considera a noção de estudos históricos e o que pode e deve ser trabalhado pela história. Tal perspectiva constata sua originalidade frente seus contemporâneos; por ter vivido junto ao “povo”, não somente conhece a fundo a questão de classe mas também a questão de nação, assim, sendo capaz de apresentar uma perspectiva distinta, sem relegar aos camponeses, que constituem a maior parte da nação, um campo secundário. Concluindo, inclusive com sua ideia de França, unida, não em um nacionalismo construído do ponto de vista do governo, mas da população, com a

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

proximidade da Revolução Francesa como significativa para o autor, e que se relaciona com a importância e relevância do povo.

Um povo! Uma pátria! Uma França!... Não nos tornemos nunca duas nações, eu vos peço. Sem unidade pereceremos. Como não o sentis? Franceses de qualquer condição, de qualquer classe ou partido, guardai bem uma coisa: só tendes nesta terra um amigo seguro, a França. Sereis sempre culpado perante a coalizão eterna das aristocracias de ter desejado, há cinquenta anos, libertar o mundo. [...] Perante a Europa, sabeis-o bem, a França só terá um nome, inextinguível, que é seu verdadeiro nome eterno: A Revolução! (MICHELET, 1988, p. 23)

Na primeira parte, pela análise dos diferentes tipos de trabalho na França, o autor nota na figura camponesa de seu país o que ele chama de “força vital”, algo essencialmente do povo, e que se encontra mais forte nesse ambiente rural. Trata-se de um elemento humano que estaria em falta tanto no ambiente urbano como em outras nações que não sejam a França; o principal contraexemplo de Michelet é a Inglaterra, com sua burguesia, suas indústrias e seus operários. No entanto, quando o autor trabalha com essa característica e quando comenta sobre “o povo”, tal como ele o constitui, há uma grande valorização do sentimento, mas não qualquer sentimento (questão elucidada principalmente na última parte do livro “Da Libertação pelo Amor. A Pátria”, no primeiro capítulo desta). “A Amizade” um tipo de companheirismo e proximidade que é mais marcante no camponês, mas também existe entre os operários. Trata-se de um “sentimento do povo”, mais digno e que inclusive consiste na glorificação que o autor faz da Pátria.

Quereis julgar nossos camponeses? Observai-os de volta do serviço militar. Verei esses soldados terríveis, os primeiros do mundo, que, recém-chegados da África, da guerra dos leões, põem-se suavemente a trabalhar [...]. Ireis vê-los sem queixas ou violências buscar, pelos meios mais honrosos, a realização da obra sagrada que constitui a força da França: o casamento do homem com a terra. A França inteira, se tivesse o verdadeiro sentimento de sua missão, auxiliaria os que dão prosseguimento a essa obra. (MICHELET, 1988, p. 41)

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

Assim, essa união que existe entre “o povo” e sua Pátria, também no “povo” consigo mesmo, é posto como um elemento relevante e fundamental para a compreensão tanto da França quanto da própria concepção de história de Michelet.

Na primeira parte e no primeiro capítulo, respectivamente, “Da servidão e do ódio” e “Servidões do camponês”, o autor apresenta o camponês com a emoção de forma bastante notável:

Se quisermos conhecer o pensamento íntimo, a paixão do camponês da França, nada mais fácil. Basta passearmos no domingo pelo campo, sigamo-lo. Ei-lo que vai à nossa frente. São duas horas; sua mulher está na reza; ele está endomingado; garanto que vai ver a amante. Que amante? Sua terra. (MICHELET, 1988, p. 27)

Assim, logo no começo da obra, Michelet utiliza o sentimento como forma de descrever o papel que a posse da terra (mesmo que pequena, como ele elabora posteriormente) é fundamental para manter o camponês “livre” e “vivo”; o amor que ele possui pela sua terra atua como evidência e fato marcante da superioridade do povo francês. Não se trata de uma preocupação financeira, que no caso da esparsa burguesia francesa Michelet descreve como efetivamente medíocre, mais do que mesquinha, da mesma forma que a burguesia inglesa – camada populacional que o autor frequentemente aponta e critica; como poderá ser observado nas subseções seguintes.

[...] Ela é muito egoísta, é verdade, mas rotineira, inerte. Salvo em alguns breves acessos, apega-se comumente às primeiras aquisições que receia comprometer. É inacreditável como essa classe, sobretudo na província, resigna-se facilmente à mediocridade, em todos os aspectos. (MICHELET, 1988, p. 95)

Assim sendo, há uma clara identificação desse “povo” como fundamental para o autor, e que se prova necessário compreender essa importância do “povo”, de modo a analisar a

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

concepção histórica apresentada e utilizada ao longo do trabalho de Michelet. Ela consiste em uma realidade que progride, possuindo etapas, por exemplo, na ideia de que há “povos jovens”, de certa concretude com abstrações vazias presentes neles, que se racionalizaria e se tornaria mais complexa e precisa com o “amadurecimento”, comparação que Michelet constrói ao falar também da criança como análoga aos povos desse tipo. Nota-se, nessa noção sobre os povos em geral, que há uma visão da história, que por mais que o autor fale de progresso e civilização, não é a “história das civilizações”, de Voltaire, mais forte na tradição francesa e que possui até mesmo conceitos similares. Porém, há maiores elementos de aproximação com o pensamento do italiano Giambattista Vico<sup>5</sup>, que apesar de haver uma dissonância no que se trata de uma concepção histórica específica, Michelet retira de Vico questões importantes, como a possibilidade dos homens moldarem seu próprio destino, pela criação, destruição ou transformação de instituições na superação de obstáculos para a realização plena do homem, ou no caso, do “povo” e da França. (BERLIN, 1982).

Para contextualizar o italiano, faz-se necessário apontar o seu pensamento histórico. Ele adota o modelo das três idades de Varão para tentar depreender, para a história entendida como desenrolar das sociedades humanas ao longo do tempo, um modelo de inteligibilidade; são elas a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. A primeira consistiria em um pensamento verdadeiramente inicial humano, com uma forte presença e influência da mitologia, os deuses gregos, por exemplo. A segunda seria justamente o momento com os semideuses e heróis, essas figuras imponentes e poderosas que definiriam o curso humano, marcada por abstrações e pela criatividade. E a terceira, tendo seu começo demarcado pela criação das leis, a idade dos homens seria quando ocorre a prevalência da razão, como forma última, e que teria seu recomeço em uma nova idade dos deuses, não como um ciclo tradicional, mas em espiral, pela incorporação de elementos anteriores e novos. Que, mesmo não tendo feito uso estrito dessa visão histórica, Michelet reconhece e identifica sem desacreditá-la (MICHELET, 1847, p. 21).

<sup>5</sup> Escritor da *Scienza Nuova* (Nova Ciência) – em que Vico discute a questão do conhecimento verdadeiro, do que seria possível conceber como verdade.

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

Em Michelet, por mais que não haja uma utilização das ideias de Vico tal como o autor as pensou rigorosamente, elementos do pensamento do autor italiano permaneceram, repensando-se conceitos com um toque próprio e singular de Michelet. Um exemplo a ser mencionado é a concepção dos povos possuindo “fases de desenvolvimento” e a criança também como representação disso, como passando por esse percurso do gênero humano. Isto é, assim como em Vico, também em Michelet encontra-se essa ideia de que há uma passagem dos povos por esses estágios. Existem povos que estariam ainda nesse período de criatividade e abstrações vazias, que ficariam por se realizarem na razão, e que ainda encontrariam a racionalidade por meio do progresso humano. Além disso, o autor francês conceitua esse momento da razão com elementos negativos, também avaliados por Vico, de uma tirania no exercício da lei de forma democrática – o italiano possuía uma visão crítica e contrária da democracia, como indica Isaiah Berlin (1982) ao dele tratar. – Essa tirania, que levaria a uma queda e a um recomeço do ciclo. Em contrapartida, em Michelet há uma possibilidade de continuação, de melhora da realidade mesmo com esse momento racional e impositivo, que é quando se apresentam os elementos da união pela Pátria e um avanço do “povo”, como pensado no que diz respeito à Revolução Francesa, que apesar do Terror, foi positiva e não levou a uma dissolução social.

Efetivamente, Michelet considera a história como possuindo um sentido de avanço. No entanto, não se trata nem de um círculo recorrente ou de uma linha sem mudanças, mas tortuosa, repleta de atalhos e becos escuros (ATHERTON, 1965, p. 221). A história caminha com um objetivo, no entanto, não prossegue continuamente, mas com avanços e retrocessos. Por exemplo, o autor cita a Idade Média como um momento que teve de ser superado, vista de forma negativa e ainda como um possível problema.

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

Primeiro a Idade Média, na qual passei a vida, da qual reproduzi em minhas histórias a comovente, a impotente aspiração. Precisei dizer-lhes: *Para trás!*, hoje que mãos impuras a arrancam do túmulo e colocam essa pedra diante de nós para nos fazer tropeçar no caminho do futuro (grifo do autor). (MICHELET, 1988, p. 231)

Isto é, nesse caso Michelet reflete como há a possibilidade de se retomarem ideias desse período (o que para ele seria negativo, pois provocaria dificuldades para o futuro e o progresso desejados). Assim, acredita que a Idade Média ainda pode ser uma forma de se tropeçar, de se dificultar o “caminho do futuro”, de forma que haverá um desenvolvimento, mas ele será complicado ou até mesmo um retrocesso. Porém, que não compromete o sentido histórico de avanço em sua forma inespecífica marcada por obstáculos, tal como um “labirinto de eventos” (ATHERTON, p. 221).

Além disso, para comentar a questão da Pátria, da caracterização da França por Michelet e como ele trata da comparação entre povos (principalmente franceses e ingleses) aspectos de seu método serão trabalhados mais adiante. Para encerrar esta subseção, faz-se necessário considerar o elemento do gênio, tal como foi apresentado anteriormente, como um conciliador entre o “povo” mais simples e as pessoas mais cultas e de maiores recursos. Essa capacidade de compreender a simplicidade que Michelet exalta do “povo”, e, de ao mesmo tempo entender as camadas mais abastadas é no que constitui esse personagem, capaz de unir a humanidade mediante as camadas e os conflitos. Porém, mais do que isso, o “gênio”, da forma que é elaborado pelo autor, possui proximidade com outro pensamento de sua época, o romantismo. Nessas ideias, esse personagem aparece como fundamental, criador, intérprete do mundo e da humanidade; e que constitui a possibilidade de progresso para o qual, segundo Michelet, a história conduz, considerando também o “povo” em sua forma mais simples, com os seus méritos engrandecendo as camadas mais abastadas e permitindo uma melhora e um avanço conjunto.

### **Volksgeist em Michelet**

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

O objetivo dessa subseção é avaliar uma possível noção de *Volksgeist* em Michelet, observando se existe uma tentativa de utilização deste conceito no livro *O Povo*. No entanto, iremos buscar entender: quem é esse povo? Trata-se de descobrir se Michelet, necessariamente, está tentando descobrir o *Espírito do Povo* (*Volksgeist*), algo comum em seu período, ou se ele busca entender outros aspectos da sociedade.

As noções de *Volksgeist*, *Espírito do Povo* ou até *Caráter Nacional*, são temas que são amplamente debatidos durante os séculos XVIII e XIX. É possível atribuir uma origem do conceito ao filósofo germânico Johann Gottfried Herder; que, no entanto, não empregou o termo em específico ao longo de seu trabalho. Apesar disso, o termo em si se difunde e ganha maior amplitude em outros autores. Para efeito deste trabalho, encarar-se-á o conceito como a busca por uma ideia de nação, isto é, qual a cultura do povo de uma determinada região. Procuramos entender se Michelet quer dar um rosto para cada Estado-Nação, ou então se ele ultrapassa essa noção e busca uma nova ideia de povo.

Iniciemos a análise através de uma citação do livro.

Os remédios parciais são bons, sem dúvida, mas o remédio essencial é um remédio geral. Seria preciso curar a alma.

O pobre supõe que prendendo o rico com essa lei tudo termina, o mundo caminha bem. O rico pensa que, devolvendo o pobre a uma forma religiosa, morta há dois séculos, consegue fortalecer a sociedade... Belos paliativos! Eles imaginam, aparentemente que essas fórmulas políticas ou religiosas, possuem uma certa força cabalística capaz de unir o mundo, como se sua força não residisse no acordo que encontram ou não em seus corações!

O mal está no coração. Que também o remédio esteja no coração! Deixai vossas receitas. É preciso que o coração se abra, e também os braços... Ora, são vossos irmãos, afinal. Esqueceste?... (MICHELET, 1988, p. 110)

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

Nessa passagem é possível fazer um avanço na análise. Percebe-se lendo atentamente como o “povo” de Michelet não é necessariamente o mesmo do *Volksgeist*. Ao falar sobre a situação que ele observa no mundo, verificamos que o “povo” é a camada mais baixa da sociedade, o rico e o pobre. Diferentemente do *Volksgeist*, há certo nível de generalização geográfica, algo que independe de barreiras nacionais; trata-se de uma característica comum a todos os países. Michelet identifica uma luta entre o pobre e o rico e dá sua solução universal, independente da nacionalidade.

De minha parte, espero que minha ciência, meu querido estudo, a história, se revitalize com essa vida popular e se torne, graças a esses recém-chegados, a coisa grande e salutar com que eu havia sonhado. Do povo sairá a história do povo. (MICHELET, 1988, p. 101)

Sua preocupação principal é que a sociedade seja compreendida, em toda sua complexidade. Ele critica o estudo que era feito em sua época, pois focava somente em estudar as altas classes e grandes figuras, renegando a população de sua agência histórica e, portanto, de sua importância. No entanto, isso deve ser mudado; as características positivas da população e as positivas das altas camadas devem ser reconhecidas e aplicadas, para que assim toda a sociedade prospere em conjunto. Há somente uma receita para isso, de acordo com Michelet, abrir o coração e reconhecer seus irmãos.

Porém, ao tratar da população, percebemos que existem sutilezas na noção de “povo” do autor: existe tanto o entendimento do povo como uma camada social comum a todas as sociedades, como também uma tentativa de entender as peculiaridades no “povo” de cada nação.

[...] é que os economistas passaram a estudar o que chamavam de *povo*. Para eles, o povo é principalmente o operário, mais especificamente o operário das fábricas. Tal forma de expressão, que não seria de todo imprópria na Inglaterra, onde a população industrial constitui dois terços do total, o é singularmente na França, uma grande nação agrícola onde o operário perfaz um sexto apenas da população. Quem vai aí buscar seus modelos não tem o direito de escrever em baixo que se trata do retrato do povo. (MICHELET, 1988, p. 117)

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

Neste trecho é possível observar essa dupla característica do povo de Michelet; ao mesmo tempo em que é desejoso por estudar o povo em si, (isto é, suas características gerais) trabalha tais questões sem ser generalizante. Percebe as nuances que cada cultura pode gerar, o que cada nação pode gerar de “povo” e como a história cria diferentes culturas e diferentes camadas baixas. Porém, é necessário diferenciar esse conceito de povo do conceito de *Volksgeist*, uma vez que um *Volksgeist* nos indicaria as características específicas de cada nação, não necessariamente só a classe baixa, mas aquilo que une toda uma população sobre um mesmo Estado. Vemos, portanto, que a diferenciação em Michelet não é feita nesses termos, mas sim em características estruturantes da camada mais baixa da sociedade de cada país e como cada uma dessas nações condiciona a própria população<sup>6</sup>.

A metodologia de Michelet para analisar o povo, porém, é peculiar:

O povo, em sua concepção mais elevada, dificilmente se encontra no povo. Quer eu o observe aqui ou ali, não se trata dele, mas de uma classe, uma forma parcial do povo, alterada e efêmera. Em sua verdade, em seu poder maior, ele só existe no homem de gênio; neste é que mora a grande alma... Todos se espantam ao ver as multidões inertes vibrarem à menor palavra que ele diz, o alarido do Oceano esmorecer perante essa voz, a vaga popular arrastar-se a seus pés... Por que espantar-se? Essa voz é a voz do povo; mudo por si, ele fala pela boca deste homem, e Deus com ele. É aqui que, verdadeiramente, se pode dizer: Vox Populi, Vox Dei [a voz do Povo é a voz de Deus]. (MICHELET, 1988, p. 158)

Michelet propõe uma metodologia para analisar o “espírito do povo”; dessa forma, não pretende analisá-lo parcialmente, através de pequenos fragmentos, e sim o observar naquilo que o representa, ou em quem o representa. Através do gênio – que de acordo com Michelet é aquele que produz uma obra capaz de ser apreciada e reconhecida universalmente – o

---

<sup>6</sup>Seria possível usar o conceito de classe social, mas nesse trabalho se reluta a usá-lo pois o termo não foi usado no mesmo sentido que se conhece nos dias de hoje. Seria necessário traçar uma história dos conceitos para usá-lo com precisão e isto não faz parte do foco desse trabalho, portanto, preferimos abandonar a terminologia.

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet povo encontra sua voz, representado como um conjunto, e assim é possível estudá-lo de forma não fragmentada – sem generalizações imprecisas. Nessas palavras, é evidente seu esforço de tentar ver o povo em sua forma mais “pura”.

Entretanto, o autor não só realiza esse amplo esforço em tentar encontrar o seu povo, como também o coloca como uma entidade que necessita de um estudo aprofundado para que seja possível solucionar diversos problemas de seu tempo. O povo é uma força vital para o conjunto da sociedade, que apesar de ser visto majoritariamente por suas deformidades e negatividades, possui seu valor, e que é, de acordo com o autor, inspirador.

Queria caracterizar o instinto popular, mostrar-lhe a fonte vital onde as classes cultivadas devem buscar hoje seu rejuvenescimento; pretendia provar a essas classes, nascidas ontem e já desgastadas [burguesia], que elas precisam aproximar-se do povo de onde saíram. (MICHELET, 1988, p. 166)

Sua intenção final é falar sobre o instinto popular, os elementos que unem essa classe e como essa mesma classe que foi subjugada e maltratada pode ser o elemento capaz de revitalizar uma sociedade em chagas. Na visão de Michelet, o povo, por ser um portador nato dos instintos, é o único remédio para uma burguesia que caminha incansavelmente em busca da reflexão. É onde esse grupo recém-nascido deve buscar inspiração para a resolução de seus problemas.

“O divórcio do mundo consiste principalmente na absurda oposição atual, na era da máquina, entre instinto e reflexão, no desprezo destas pelas faculdades instintivas, as quais pensa poder dispensar” (MICHELET, 1988, p. 111). Michelet identifica “na era das máquinas”, o divórcio entre o instinto e a reflexão, uma burguesia que rejeita as características populares, de instinto e ação, mas que se beneficiariam amplamente de tais visões de mundo; há uma harmonia a ser alcançada que seria o remédio para essa sociedade que ele identifica como doente.

Pareceu-me que, antes de ministrar um remédio exterior e local, seria útil descobrir o mal interior que provoca todos os sintomas. A meu ver, esse mal é o enregelamento, a paralisia do coração, causadora da insociabilidade; esta se

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

prende sobretudo à falsa ideia de que podemos impunemente nos isolar, de que não temos nenhuma necessidade uns dos outros. As classes ricas e cultivadas, principalmente, imaginam que nada têm a ver com o instinto do povo, que lhes basta a ciência dos livros, que nada lhes podem ensinar os homens de ação. Para esclarecê-las, foi preciso que eu aprofundasse a investigação do que há de fecundo nas faculdades instintivas e ativas. A estrada era longa, mas legítima, e nenhuma outra o era. (MICHELET, 1988, p. 121)

Dessa forma, não seria possível falar de *Volksgeist* em Michelet, já que ele não busca caracterizar a nação francesa; ele não tenta entender, necessariamente, as características específicas de cultura, arte, língua ou costumes de cada local. Michelet busca entender o que é aquela imagem desfigurada que chamam de povo, independentemente de ser francês, inglês, ou alemão. No final, ele pensa ter encontrado uma figura: é aquele que não só reflete, mas que se lança ao instinto e à ação ao invés de se paralisar; é a inspiração para a solução dos problemas de seu tempo. Apesar disso, ele ainda entende as nuances possíveis para esse povo, como cada cultura e forma de organização de trabalho cria características diferentes nesse aglomerado de pessoas. Michelet expande sua interpretação além do *Volksgeist*, estudo tradicional de sua época, e cria um trabalho inovador e inspirador.

## **A França e a Anti-França**

Na última página de *O Povo*, na parte do livro intitulada “Da Libertação pelo amor. A Pátria”, Michelet apresenta com clareza um dos inimigos contra o qual lutou no decorrer da obra: “Uma outra religião, o sonho humanitário da filosofia, que crê salvar o indivíduo destruindo o cidadão, negando as nações, abjurando a pátria... imolei-a também” (MICHELET, 1988, p. 231). A partir dessa perspectiva de combate, o livro todo é marcado pela dura crítica às tentativas dos franceses de imitar a “anti-França”, a Inglaterra, da qual a monarquia constitucional de Luís Filipe havia se aproximado. Possivelmente relacionada com a “monarquia burguesa” que o rei realizava, nas palavras de Marx, alguns anos depois (MARX,

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet (2011, p. 34), no estreitamento de relações da monarquia com a burguesia, com a primeira atendendo as demandas da segunda.

A pátria é a iniciação necessária à pátria universal. Assim, a união progride sempre, sem riscos de jamais chegar à unidade, porquanto cada nação, a cada passo que dá rumo à concórdia, mostra-se mais original em si mesma. Se, por hipótese, as diversidades cessassem, se a unidade adviesse e toda nação entoasse a mesma nota, o concerto estaria acabado; a harmonia confusa não passaria de um ruído vão. O mundo, monótono e bárbaro, poderia então morrer, sem deixar qualquer saudade.

O elemento que, entre todos, era para nós o mais heterogêneo – o elemento inglês – foi exatamente aquele que preferimos. (MICHELET, 1988, p. 199 e 204)

Desse modo, a existência da diversidade nas características de cada um dos elementos constitutivos de cada povo é um aspecto de grande importância para o bom funcionamento das nações. E, justamente, as tentativas de eliminar essas especificidades são o caminho “do suicídio e da morte” (MICHELET, 1988, p. 204). Com base nisso, a França não deve buscar na riqueza material inglesa, proveniente da industrialização, uma fonte de inspiração para seu progresso, pois “os produtos materiais da França, os resultados duradouros de seu trabalho, nada são em comparação com seus produtos invisíveis, [...] estes, o mais das vezes, foram atos, movimentos, palavras e idéias” (MICHELET, 1988, p. 206). A partir desses comentários nas páginas que se aproximam do final do livro, podemos compreender melhor o primeiro capítulo, quando Michelet exalta a figura de um camponês francês, amante da terra (MICHELET, 1988, p. 27), em oposição ao que se via na Inglaterra, onde havia uma forte industrialização e a terra estava concentrada nas mãos de poucos. Para Michelet, no entanto, a riqueza da França era muito maior do que a sua produção de bens materiais, pois estava justamente no instinto de seu povo, o qual o autor busca encontrar na obra por meio de três métodos de exame, os quais serão expostos a seguir.

O primeiro é o da *observação do presente*. Michelet buscava no meio do povo de seu próprio tempo o seu “instinto”, pois entendia que a maioria dos autores de sua época somente tratava dos aspectos negativos e exóticos do povo, ignorando o que era realmente

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

importante (MICHELET, 1988, p. 115). O segundo trata da utilização das fontes do passado, tema ao qual retornaremos logo adiante. O terceiro era um método de comparação entre os povos. Esse cuidado em demonstrar empiricamente suas ideias pode ser relacionado, de algum modo, com a busca por um método científico que sustentasse com rigor aquilo que o autor se propunha a apresentar. Nesse contexto, tratando da necessidade de preservação dos elementos próprios de cada povo, em especial do francês, Michelet enfatiza a importância da história: “Para recuperar a fé na França, para ter esperança em seu futuro, é preciso voltar a seu passado, aprofundar seu gênio natural. [...] Da dedução do passado decorrerá para vós o futuro, a missão da França” (MICHELET, 1988, p. 221). Assim, ele busca nos últimos dois mil anos da história do povo francês, que na visão dele já existia com os gauleses, alguns elementos do povo que eram únicos deles, apresentando, por outro lado, sua oposição: os elementos da “anti-França”.

Há muito tempo acompanho a França, convivendo diariamente com ela ao longo de dois mil anos. Juntos assistimos aos piores dias, e desta vez sei com certeza que este é o país da esperança invencível.

Quando nossos camponeses gauleses expulsaram por um momento os romanos e fizeram das Gálias um império, gravaram em sua moeda a primeira palavra deste país (e a última): Esperança. (MICHELET, 1988, p. 207-208)

*Esperança*, um elemento que para Michelet esteve presente em toda a história da França, mesmo “por entre as terríveis sombras tão presentes na Idade Média” (MICHELET, 1988, p. 207). O autor afirma perceber na França uma tradição mais contínua do que ele vê em qualquer outro país, o que torna possível traçar relações entre César, Carlos Magno, São Luís, Luís XIV e Napoleão, o que “fez da história da França a história da humanidade” (MICHELET, 1988, p. 209).

Tradições abandonadas. Como “O Povo” revela a França de Michelet

No dia em que, lembrando-se de que foi e deve ser a salvação do gênero humano, a França cercar-se de seus filhos e lhes ensinar a França, enquanto fé e religião, reencontrar-se-á viva, sólida como o globo. [...] [A França] é o único [país] com direito a ensinar-se a si mesmo, pois é o único que confundiu seu interesse e destino com os da humanidade. É o único capaz de fazê-lo, pois sua grande legenda nacional, e, no entanto, humana, é a única completa e contínua, aquela que, por seu encadeamento histórico, melhor responde às exigências da razão. (MICHELET, 1988, p. 210)

Para Michelet, existe uma “natureza” da França (MICHELET, 1988, p. 210), e tal natureza precisava ser buscada no passado e no próprio povo. Em resposta aos que achavam que as nacionalidades desapareceriam logo, Michelet afirma que estes ignoravam a história e a natureza, pois para cometerem tais equívocos era preciso:

[...] esquecer que os caracteres nacionais não derivam de forma alguma de nossos caprichos, mas enraizam-se profundamente na influência do clima, da alimentação, das produções naturais de um país, que se alteram um pouco, mas não desaparecem nunca. (MICHELET, 1988, p. 210)

Sendo assim, observamos que Michelet entende que a natureza de uma nação também era fruto de questões geográficas, e estas se alteram pouco no decorrer do tempo. Desse modo, mesmo nos tempos dos gauleses e do Império Romano, a França já possuía características nacionais que se relacionavam com aspectos climáticos, por exemplo, que teriam mudado pouco no decorrer de seus dois mil anos de história. Ou seja, aqueles do sonho humanitário da filosofia, que creem salvar o indivíduo destruindo o cidadão, negando as nações, abjurando a pátria, ignoram que as nações têm naturezas próprias, muito mais do que apenas “caprichos” de alguns que tentam forçar a identidade nacional. É a essa natureza da França, ao instinto do povo, que Michelet propõe que os franceses regressem com o “amor a pátria”.

## Conclusão

O século XIX é um período ímpar na história da historiografia. Marcado pelo cientificismo, pelo evolucionismo social etapista e pelo nacionalismo exacerbado, os anos oitocentos, sem dúvida, evocam reações de caráter misto e multifacetado nos múltiplos

Erick Caixeta de Carvalho

Frank Rudiger Lopes

Luís Henrique Cordeiro Alves Martins

Pedro Mitsugui Vidal Yoshimatu

comentaristas da história e da vida social. Inicialmente, havia sido entendido como um período de consolidação das práticas e dos métodos científicos; posteriormente, foi criticado como época do engessamento e do enrijecimento das formas de como o conhecimento pode ser perseguido.

De qualquer forma, entender a obra de Jules Michelet somente através das lentes das principais correntes intelectuais de seu período parece simplista. Sim, em muitas vezes ao longo de sua produção a filiação a tais correntes é cristalina: sua interpretação ufanista e patriótica da história da França é o exemplo primordial. No entanto, em muitos momentos sua obra se distancia da produção romântica de seus contemporâneos: obviamente, o enfoque de Michelet no povo francês, é de certa forma, distinto do foco em grandes eventos e indivíduos (algo que, mais tarde, Fernand Braudel notavelmente criticaria como *histoire événementielle*). São elementos intelectuais desta natureza que nos permitem vislumbrar a complexidade da produção teórica de Michelet; ao mesmo tempo em que é sensível às discussões e deliberações de seu período, também consegue desenvolver ideias de caráter significativamente original e de grande alcance explicativo.

É em tal contraste, portanto, que podemos entender o impacto e a relevância da produção historiográfica de Michelet. Entre o perene binômio da inscrição e da oposição entre as correntes intelectuais *mainstream* de seu período, o historiador francês tece uma teoria de grande importância para nosso entendimento contemporâneo de questões como classe, nação e o papel do comentarista social. *O Povo*, com todos os seus elementos típicos da produção oitocentista, ainda deve ser entendido como obra canônica da história das ciências sociais.

**Referências bibliográficas**

ATHERTON, John. “Michelet: Three Conceptions of Historical Becoming”. *Studies in Romanticism*, Vol. 4, Nº 4 (Verão, 1965), pp. 220-239. Boston University.

BARTHES, Roland. *Michelet*. Tradução por Richard Howard. Toronto: Collins, 1987.

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Tradução por Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Tradução por Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Tradução por Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MICHELET, Jules. *O Povo (1846)*. Tradução por Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MICHELET, Jules. *History of the Roman Republic (1839)*. Tradução por William Hazlitt. Londres: David Bogue, 1847.